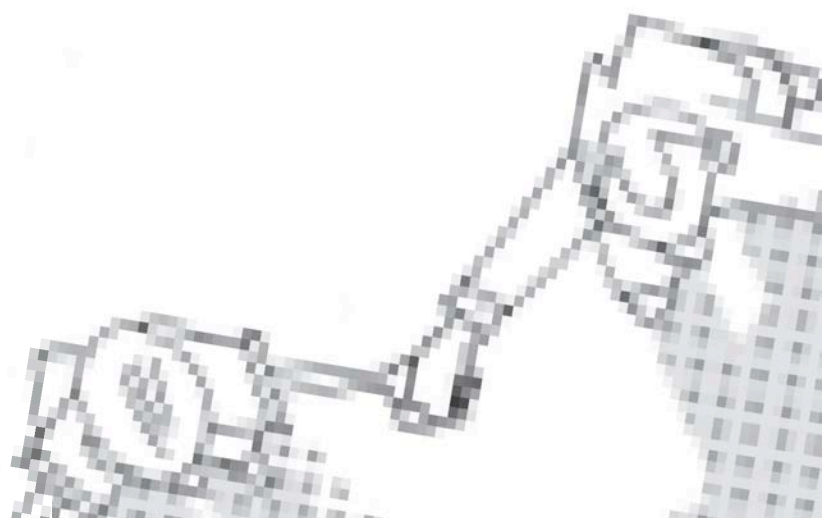


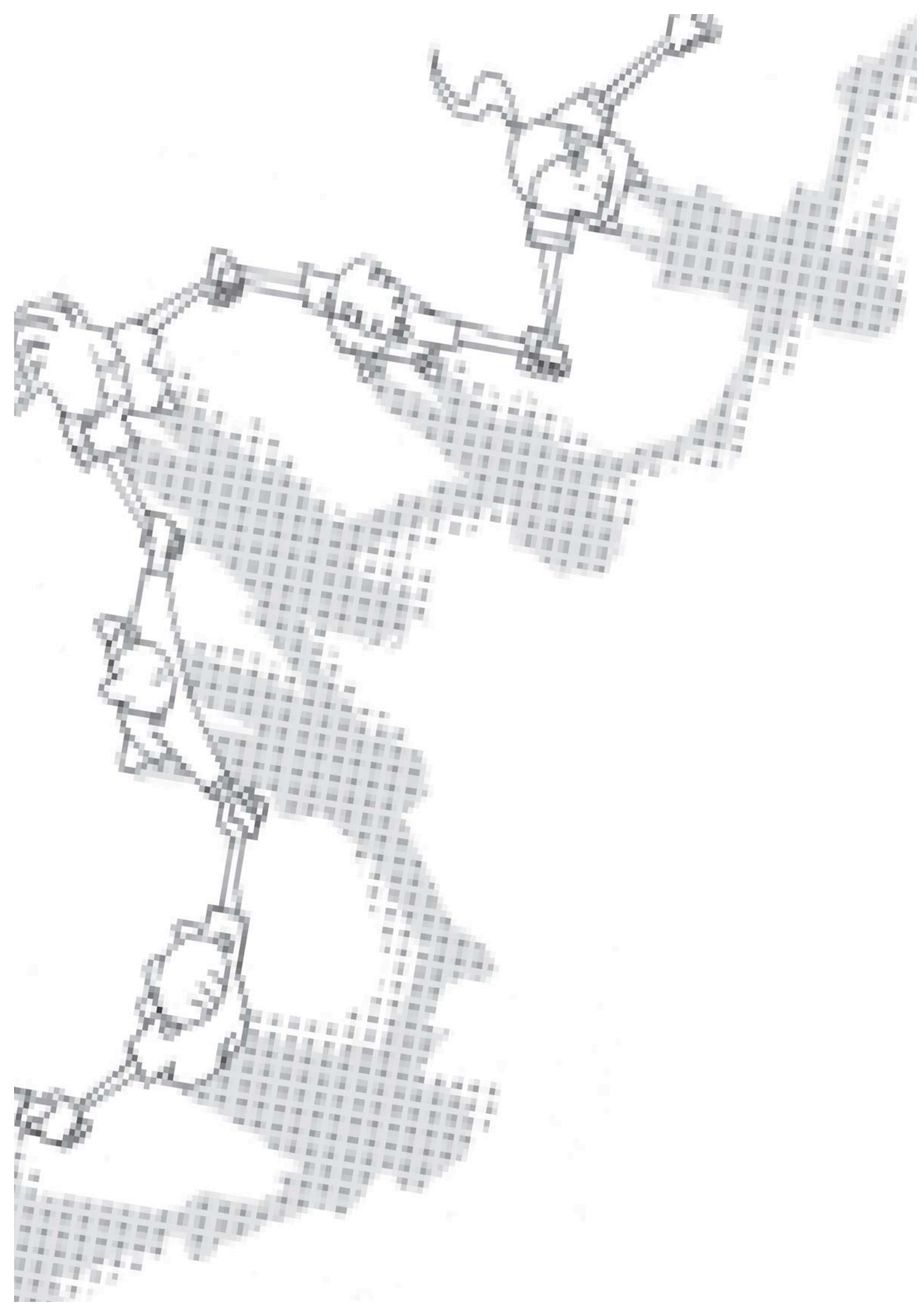


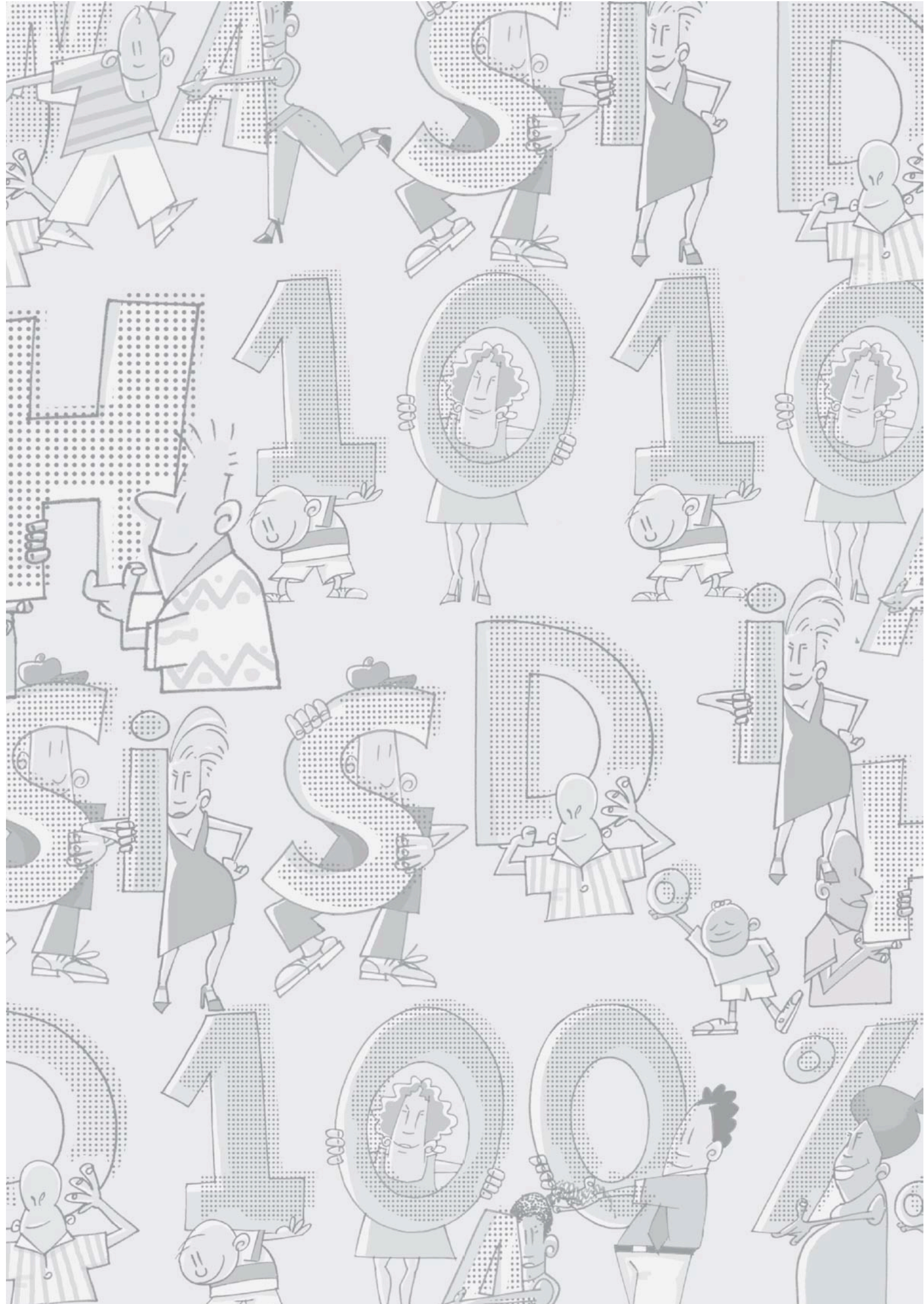
100%

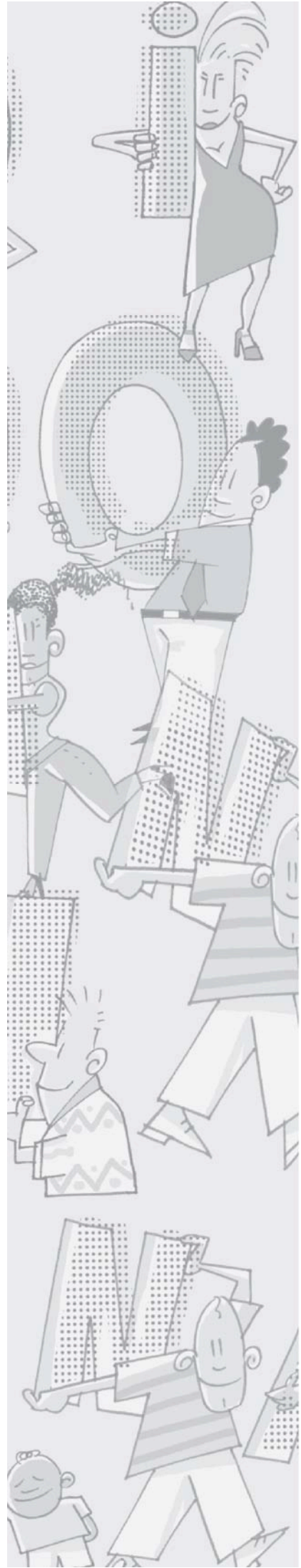
DIREITOS HUMANOS

PARA NÓS
QUE AO ACREDITARMOS
NOS DIREITOS HUMANOS
ESPALHAMOS SEMENTES.









Para toda gente

pág. 5

AFINAL, O QUE SÃO OS DIREITOS HUMANOS? OS DIREITOS HUMANOS NÃO SÃO APENAS PARA OS RICOS OU PARA OS CRIMINOSOS. DA VIDA PARA O PAPEL, DO PAPEL PARA A VIDA. TRÊS INSTRUMENTOS FUNDAMENTAIS (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS; CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA; ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE).

SE TUDO ESTÁ ESCRITO, QUAL É O PROBLEMA? DIREITOS HUMANOS ESTÃO NO NOSSO DIA A DIA. DIREITOS HUMANOS NÃO TÊM EXCEÇÕES.

Reconhecer e Multiplicar o que já sabemos

pág. 21

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES. TODAS AS PESSOAS TÊM UM CURRÍCULO OCULTO. CADA UM TEM O SEU TALENTO.

O BRASIL PRECISA DE GENTE QUE BOTE A BOCA NO TROMBONE. MULHERES, NEGROS, HOMOSSEXUAIS, INDÍGENAS, CRIANÇAS E ADOLESCENTES. UMA CARA QUE SEJA A CARA DE TODOS E TODAS NÓS. COMO FAZER? PENSAR ESTRATÉGIAS É UM BOM COMEÇO. A IMPORTÂNCIA DE PASSAR PARA FRENTE O QUE JÁ SABEMOS.

Aprender o que ainda não sabemos

pág. 38

A RESPOSTA MORA AO LADO. FAÇA UM MAPA DO QUE EXISTE NA LOCALIDADE. PROCURANDO PARCERIAS. PARCERIAS ESTRATÉGICAS. ADVOCACY DOS DIREITOS HUMANOS. TORNAR PÚBLICO O QUE ESTAMOS FAZENDO.

A GRANDE IDÉIA DA REDE.

Um Brasil melhor é o nosso porto

pág. 50

- LONGE É AQUI. A PALAVRA DE ORDEM É PARTICIPAR.
- FUTURO PODE SER HOJE.



Para toda gente

AFINAL,
O QUE SÃO
OS DIREITOS
HUMANOS



A poeta Cecília Meireles escreveu: *“Liberdade - essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!”*

Os Direitos Humanos se parecem com a liberdade. Mesmo antes de conhecermos seus documentos, nós sabemos que eles significam direito à vida, à moradia digna, à saúde, à educação e à liberdade de pensamento e de expressão.

Ou seja: a violência, a arbitrariedade, a exclusão, a negligência são inimigas ferozes dos Direitos Humanos e, portanto, amigas íntimas da injustiça e das desigualdades econômica, racial, sexual, etária entre as pessoas.

O importante é perceber que os Direitos Humanos não são fumaça no ar ou lágrimas na chuva ou mesmo um sonho distante. Os Direitos Humanos



podem e devem ser instrumentos de luta por uma sociedade mais justa e por uma vida melhor.

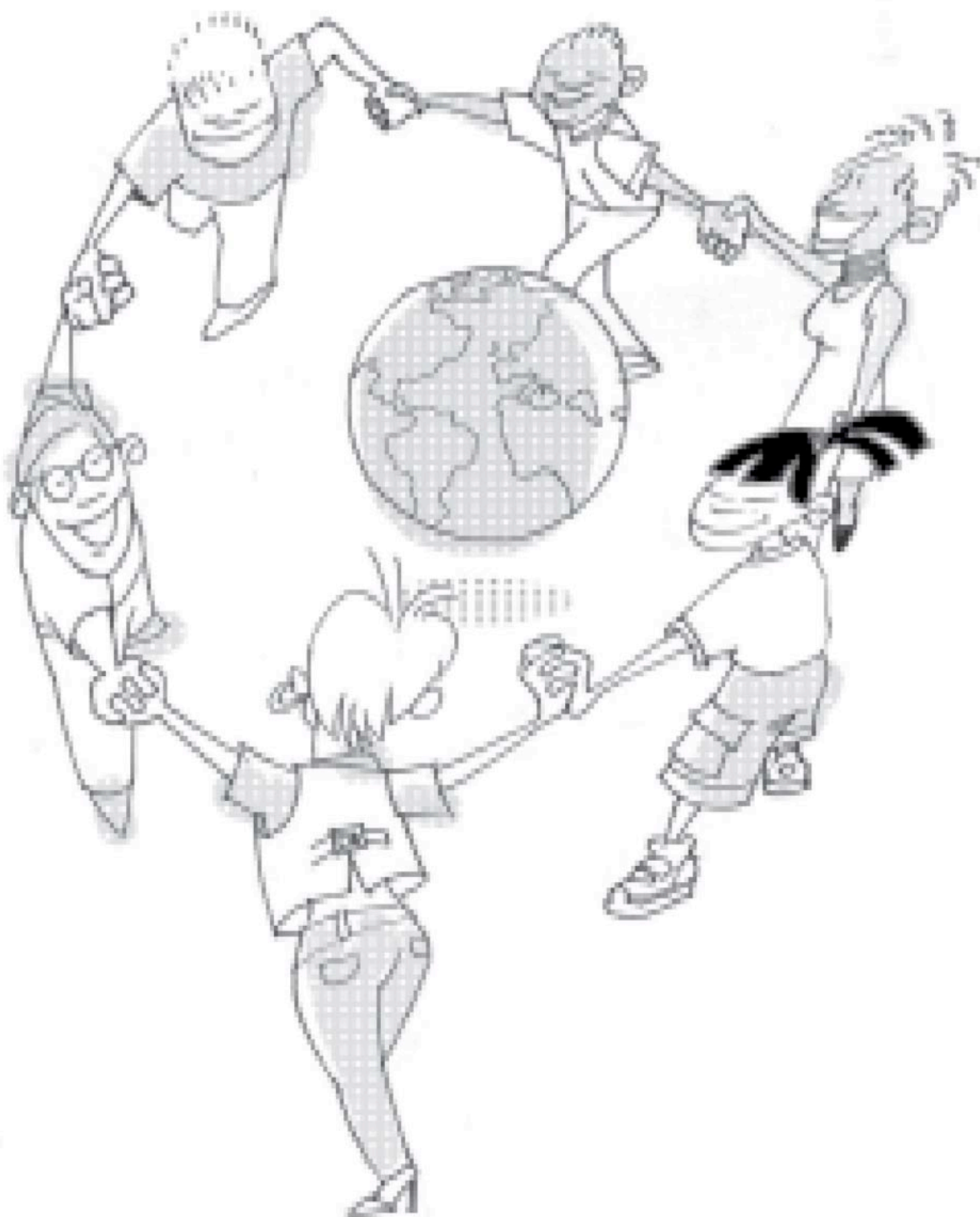
Os Direitos Humanos são instrumentos úteis e belos. A nossa ação deve ser: aprender a usar esses instrumentos e popularizá-los para que eles não sejam ignorados ou esquecidos.

OS DIREITOS HUMANOS NÃO SÃO APENAS PARA OS RICOS OU PARA OS CRIMINOSOS

Volta e meia, a gente ouve alguém falando que os Direitos Humanos são para os que têm dinheiro ou para defender aqueles que cometem crimes.

É bom esclarecer: Direitos Humanos são para todos os humanos. Não importa se o humano ganha 1 real ou 1 milhão de reais. E os Direitos Humanos não defendem os criminosos. Ora, quem comete um crime tem que ser responsabilizado por aquilo que cometeu! O que os Direitos Humanos garantem é o respeito à humanidade

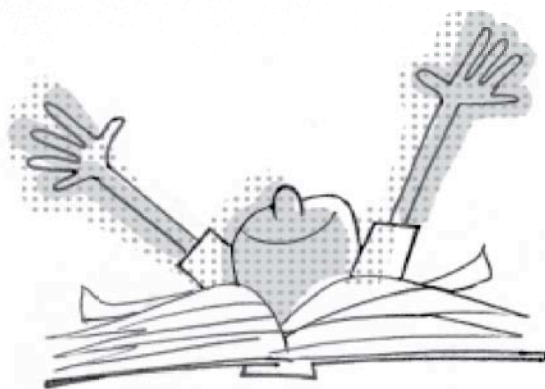
do criminoso. Por exemplo, por pior que tenha sido o crime cometido por uma pessoa, ela tem o direito a um julgamento justo, ela tem o direito de não ser torturada e o direito de não ser tratada como um objeto. Sabe o porquê? Porque ela é uma pessoa.



Quem insiste em dizer que os Direitos Humanos são apenas para ricos e criminosos, na verdade está querendo que a gente desista de lutar pelos direitos. Se um direito é só para determinadas pessoas ou determinados grupos, não é direito, é privilégio.

Quando a gente exige que um direito seja respeitado, a gente está lutando contra os privilégios. A gente está lutando para que haja justiça para todos: mulher, homem, negro, branco, indígena, jovem, velho, criança, adolescente, rico, pobre, brasileiro, estrangeiro.

DA VIDA
PARA O PAPEL
DO PAPEL
PARA A VIDA



É bom lembrar que antes dos direitos irem para o papel, antes de virarem documentos, muita gente se organizou e lutou por eles. Essa luta, muitas vezes, leva anos de discussão, de negociação, de convencimento e de criatividade.

Ou seja, ninguém recebe direitos de presente. Direitos são conquistas coletivas. Mesmo depois de conquistados, a

gente precisa manter os olhos bem abertos, pois, às vezes, um direito perde o direito de continuar sendo direito. E também, com a sofisticação da sociedade, novos direitos podem ser incluídos nos documentos.

Ou seja, os direitos não são estáticos! Eles se movem de acordo com o embate de interesses, o desenvolvimento de segmentos sociais, a visibilidade ou percepção de problemas antes ocultos.

De tempos em tempos, códigos são revistos ou até substituídos. Por exemplo, o Código de Menores, que controlava exclusivamente os “menores” em situação irregular – os chamados carentes e delinqüentes –, terminou dando lugar ao Estatuto da Criança e do Adolescente, que considera todas as crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. O Código Civil acabou de passar por uma revisão e assim vai.

Debatam o vídeo E daí?

E daí? apresenta a Declaração Universal dos Direitos Humanos em um picadeiro de circo sem platéia.

Trabalha com alguns artigos e os compara com o que acontece no cotidiano.

TRÊS INSTRUMENTOS FUNDAMENTAIS

No mundo inteiro, os direitos estão escritos em Constituições; Declarações; Estatutos; Leis; Portarias, Convenções etc.

Para o nosso trabalho, veremos três instrumentos de garantia de direitos: *Declaração Universal dos Direitos Humanos; Constituição Brasileira; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

O próprio nome já diz: universal. Isto é, os direitos são para todas as pessoas independentemente do país de nascimento ou de moradia, da raça, de ser mulher ou homem, de ser criança, jovem, adulto ou idoso.

Composta por 30 artigos, escritos de maneira direta e clara, a Declaração foi aprovada, em 1948, pela Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU). O Brasil está entre os primeiros países que a assinaram.

Em 1948, o mundo recém saíra da II Guerra, que matou milhões de pessoas e destroçou milhões de sonhos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos surge, então, em um momento em que as nações desejavam, de todo o coração, a paz. E para haver paz é necessário que direitos sejam documentados e respeitados.

O Artigo 1 diz: TODAS AS PESSOAS, MULHERES E HOMENS, NASCEM LIVRES E IGUAIS EM DIGNIDADE E DIREITOS. SÃO DOTADAS DE RAZÃO E CONSCIÊNCIA E DEVEM AGIR EM RELAÇÃO UMAS ÀS OUTRAS COM ESPÍRITO DE FRATERNIDADE.

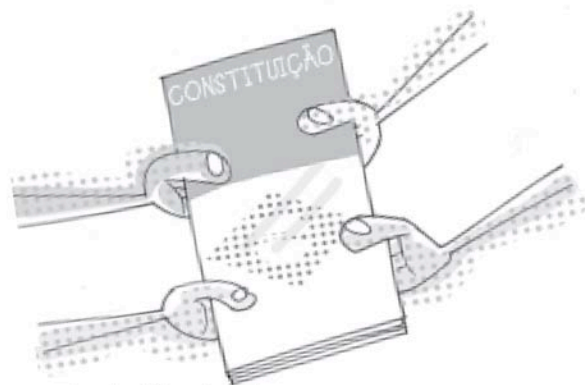
O Artigo 6: TODA PESSOA TEM O DIREITO DE SER, EM TODOS OS LUGARES, RECONHECIDA COMO PESSOA HUMANA, PERANTE A LEI.

A Declaração Universal também fala dos direitos ao trabalho, ao lazer, à educação, à saúde, à cultura e, quando necessário, a um julgamento justo.

Leia a íntegra da Declaração Universal na Internet:

<http://www.direitoshumanos.usp.br>

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA



A Constituição também é chamada de Carta Magna, isto quer dizer que a Constituição é o documento principal de um país, no qual estão escritos os direitos e deveres fundamentais. Todas as pessoas que moram no Brasil devem conhecê-la, do presidente da república ao cidadão comum.

Com a passar dos anos, valores e comportamentos vão mudando dentro da sociedade, fazendo com que seja necessária uma nova Constituição. E também, devido ao dinamismo da sociedade, o choque entre novos e antigos interesses pede mudanças na Constituição.

A atual Constituição Brasileira, promulgada em 1988 e composta por 70 artigos, é a sétima Carta Magna. Para escrever ou atualizar uma Constituição, é criada uma Assembléia Nacional Constituinte, com os chamados deputados constituintes.

Na última Assembléia Nacional Constituinte, o Brasil recém saíra de longos anos de ditadura militar. Período que se caracterizou pela restrição aos direitos políticos e humanos da população brasileira. Nós, cidadãos e cidadãs,

estávamos sedentos de liberdades democráticas e de um Estado de Direito. Vários segmentos da sociedade civil - negros, indígenas, mulheres, defensores de crianças e adolescentes, entre outros - se organizaram com abaixo-assinados e várias formas de pressão para sensibilizar os deputados constituintes. Na maior parte dos casos, o trabalho de organização deu frutos na redação final da Constituição Brasileira.

O Estado não deve ser confundido com o governo. O governo é apenas um grupo em exercício do poder estatal, por um tempo pré-determinado. O conceito de Estado é mais amplo e abrangente.

No Capítulo I, Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, está escrito no artigo quinto: TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI, SEM DISTINÇÃO DE QUALQUER NATUREZA, GARANTINDO-SE AOS BRASILEIROS E AOS ESTRANGEIROS RESIDENTES NO PAÍS A INVOLABILIDADE DO DIREITO À VIDA, À LIBERDADE, À IGUALDADE, À SEGURANÇA E À PROPRIEDADE.

E acrescenta: HOMENS E MULHERES SÃO IGUAIS EM DIREITOS E OBRIGAÇÕES.

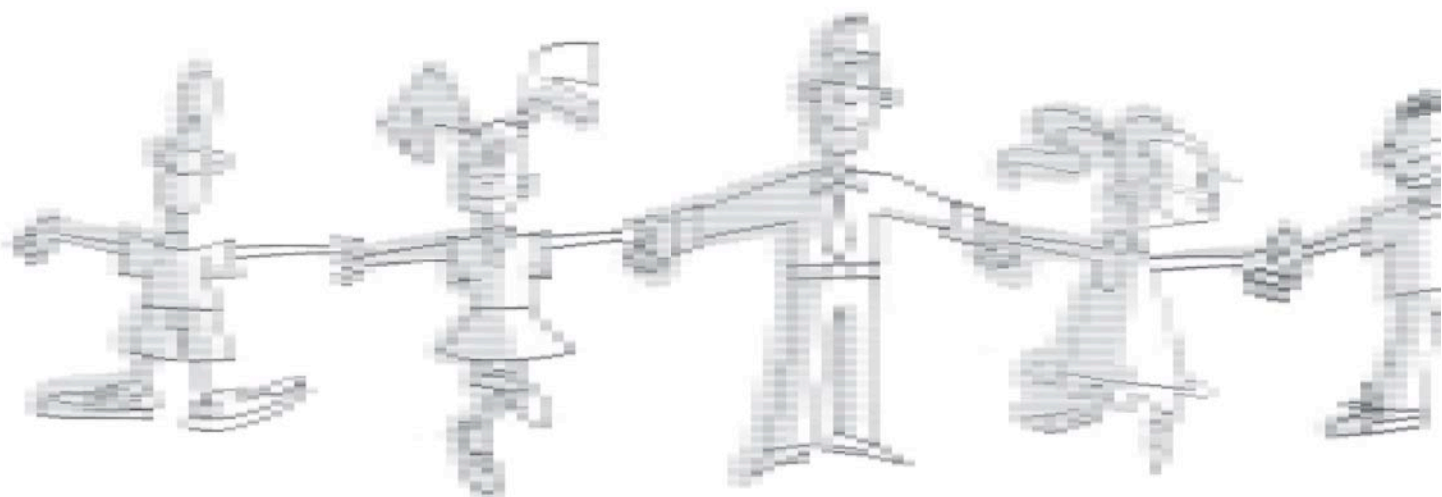
Leia a íntegra da Constituição na Internet:

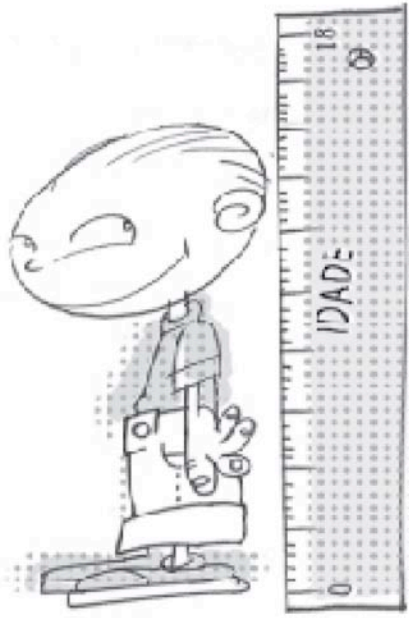
<http://www.senado.gov.br>

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)

O ECA baseia-se na concepção da proteção integral a crianças e adolescentes, que têm direitos frente à família, à sociedade e ao Estado. Trocando em miúdos: cabe à família, à sociedade e ao Estado proteger e cuidar de todas as crianças e de todos os adolescentes.

Nascido em 14 de outubro de 1990, o ECA tem 267 artigos. No artigo quinto diz: NENHUMA CRIANÇA OU ADOLESCENTE SERÁ OBJETO DE QUALQUER FORMA DE NEGLIGÊNCIA, DISCRIMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, CRUELDADE E OPRESSÃO, PUNIDO NA FORMA DA LEI QUALQUER ATENTADO, POR AÇÃO OU OMISSÃO, AOS SEUS DIREITOS FUNDAMENTAIS.

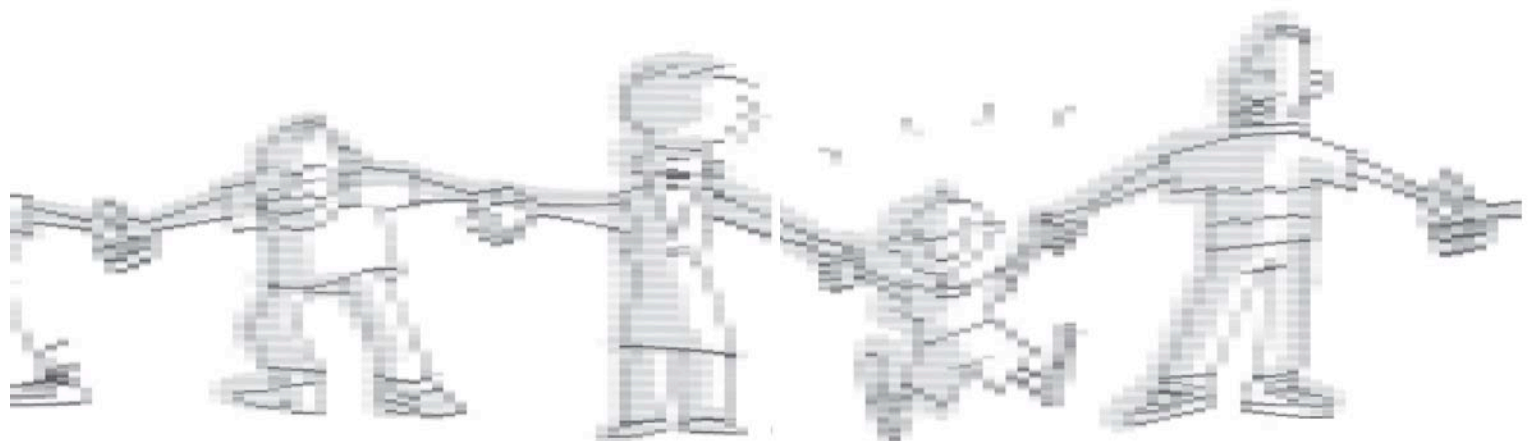




Crianças e adolescentes têm prioridade na garantia de direitos. O ECA considera como criança a pessoa de 0 a 11 anos e adolescente a pessoa de 12 a 18 anos. O ECA é a primeira lei brasileira para todas as crianças, sejam elas negras, indígenas, brancas. Sejam elas pobres ou ricas, sejam

elas do campo ou da cidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente também teve como um dos parâmetros o artigo 227 da Constituição Brasileira, que diz: É DEVER DA FAMÍLIA, DA SOCIEDADE E DO ESTADO ASSEGURAR À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE, COM ABSOLUTA PRIORIDADE, O DIREITO À VIDA, À SAÚDE, À ALIMENTAÇÃO, À EDUCAÇÃO, AO LAZER, À PROFISSIONALIZAÇÃO, À CULTURA, À



DIGNIDADE, AO RESPEITO, À LIBERDADE E À CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA, ALÉM DE COLOCÁ-LOS A SALVO DE TODA FORMA DE NEGLIGÊNCIA, DISCRIMINAÇÃO, EXPLORAÇÃO, VIOLÊNCIA, CRUELDADE E OPRESSÃO.

Ou seja, a Constituição assegura os direitos fundamentais, mas são necessárias outras leis para regulamentá-los e torná-los possíveis. E por ser a Constituição a lei principal do país, propostas de emendas constitucionais que venham a modificar artigos da Constituição acabam modificando outras leis. Por exemplo, o veto ao trabalho para menores de 16 anos provocou uma alteração no ECA.

***Debatam o vídeo
Meu nome é João***

*Esse vídeo analisa as atitudes mais
freqüentes da sociedade frente
a crianças e adolescentes em
situações de vulnerabilidade.*

Leia a íntegra do ECA na Internet:

<http://www.planalto.gov.br>

SE TUDO ESTÁ ESCRITO, QUAL É O PROBLEMA



A gente sabe que entre as palavras no papel e a realidade dos fatos pode existir uma enorme distância. Léguas e léguas de caminho a ser percorrido. Todos os dias, no mundo e em nosso país, os Direitos Humanos são desrespeitados!

Muitas pessoas no Brasil nem sabem que têm direitos! Nosso papel é conseguir que um maior número de pessoas conheçam seus direitos e passem a lutar por eles! Seja reivindicando, seja dialogando, seja denunciando as arbitrariedades. Direitos não são só assunto de especialista, de advogado, mas de todos nós.

O Brasil só será um país bom de se viver quando os Direitos Humanos forem levados a sério. E quando todas as pessoas possam ser diferentes entre si, mas iguais em direitos.

DIREITOS HUMANOS ESTÃO NO NOSSO DIA A DIA

Toda vez que somos discriminados ou que discriminamos, estamos ferindo os Direitos Humanos. Toda vez que uma criança não encontra vaga em uma escola, estamos ferindo a Constituição Brasileira e o ECA. Toda vez que calamos a nossa boca ou que mandamos alguém calar a boca, estamos ferindo o direito à democracia.

Conclusão: a história dos direitos não é uma história que está longe de nós. A gente constrói e, às vezes, destrói os direitos com nossas atitudes e comportamentos. Paulo Freire disse o seguinte: *“a minha liberdade acaba quando acaba a do outro”*. Podemos parafrasear da seguinte maneira: o meu direito acaba quando acaba o do outro ou da outra. Em outras palavras: enquanto todos não tiverem direitos, ninguém tem. Direitos só para alguns não são direitos, são privilégios. Privilégio é a negação do direito.

DIREITOS HUMANOS NÃO TÊM EXCEÇÕES

O ponto principal dos Direitos Humanos é que eles são para todas as pessoas, sem nenhuma exceção. Não importa se a pessoa nasceu negra, branca, oriental, indígena. Não importa se é mulher ou homem, se é analfabeto ou doutor. Não importa se é pobre, se mora no fim do mundo, se fala um português errado ou certo. Não importa se é um atleta ou uma pessoa portadora de deficiência. Não importa se é um homem que gosta de homem ou uma



mulher que gosta de mulher. Não importa se é criança, jovem ou idosa. Não importa se é um gênio ou alguém que raciocina mais devagar.

Os Direitos Humanos são de todos os humanos!

Experimentem a Dinâmica da Bola

Material necessário: uma bola.

Os participantes, dispostos em um círculo, devem passar a bola de um para o outro, falando seus nomes. Cada vez que a bola cair, deve-se reiniciar o jogo, mantendo sempre a seqüência inicial. Quando o grupo conseguir que a bola passe por todos, sem cair, incluir uma nova regra: passar a bola por todos, na mesma seqüência e no menor tempo possível (poucos segundos: 10, 15, dependendo do grupo). Deve ter um coordenador que participa passando a bola e também animando o grupo. O grupo deve pensar e sugerir soluções para ir diminuindo o tempo. Todas as possibilidades devem ser testadas, até que o grupo atinja a meta, ou aceite que aquele tempo que se repete é o ritmo do grupo. Estimular soluções criativas, desde que se fale o nome e se mantenha a ordem de passagem da bola.

Reconhecer e Multiplicar o que já sabemos

JUNTOS

SOMOS

MAIS FORTES

*“um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
de um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe um grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos (...).”*



Este poema *Tecendo a Manhã* foi escrito por João Cabral de Melo Neto. Nós podemos parafraseá-lo assim: uma pessoa sozinha não tece uma vida: ela precisará sempre de outras pessoas que precisarão de outras pessoas que precisarão de outras pessoas...

Quando vamos difundir os Direitos Humanos na comunidade, na escola, no local de trabalho, nos espaços públicos somos mais bem-sucedidos quando estamos acompanhados. Pois nosso parceiro ou parceira pode complementar o que falamos ou acrescentar novos ângulos para o debate.

Ocorre o mesmo quando vamos reivindicar um direito. Por exemplo, se alguém vai dar queixa em uma delegacia ou procura um hospita é melhor ir acompanhada. Quando temos problemas, costumamos estar frágeis. E quando estamos frágeis, ter companhia nos fortalece.



Experimentem a Dinâmica da Bala

Material: balas sortidas embrulhadas.

Cada participante escolhe uma bala e mantém sua bala embrulhada na mão direita. Em círculo, devem dar as mãos segurando as balas. O desafio é chupá-las, sem soltar as mãos e sem dobrar os braços. A solução é dar a própria bala para que outro chupe e ajudar a desembulhar a dos outros, esperando que façam o mesmo com a sua. A dinâmica termina quando todos tiverem chupado a bala. Ao final, como em todas as dinâmicas, conversa-se sobre os significados: o que seria a bala? Por que de mãos dadas? O que facilitou ou dificultou a solução?

TODAS AS PESSOAS TÊM UM CURRÍCULO OCULTO



Às vezes, nós subestimamos o que a gente e o que as pessoas a nossa volta sabem. Mas é bom reparar que todo mundo tem histórias para contar. Todo mundo já viveu experiências de desrespeito aos Direitos Humanos. Quem já não se sentiu roubado nos seus direitos? Quem já não se sentiu desrespeitado como cidadão e cidadã? Quem já não se sentiu passado para trás como consumidor? Essas histórias precisam ser contadas e ouvidas.

Alguém, muito sábio, já disse: *“transforme as pessoas com quem você convive, com quem você trabalha, com quem você se diverte, em professoras”*. Para fazer isso, temos que exercitar a arte de ouvir. E para ouvir precisamos nos libertar dos preconceitos - das idéias pré-concebidas.

Preconceitos são parecidos com vendas nos olhos, impedem de ver em toda a extensão. Paralisam a gente em torno de uma única idéia, de um único ponto de vista. Preconceitos são a porta de entrada para as discriminações.

CADA UM TEM O SEU TALENTO

Tem gente que fala bem, mas tem dificuldade de pôr as idéias no papel. Tem gente que não fala muito, mas sabe desenhar. Tem gente que cozinha mal, mas lava a louça como ninguém. Tem gente que sabe animar um grupo. Tem gente que não anima nenhum grupo, mas escreve muito bem. Tem gente para tudo! Conclusão: o talento de um pode complementar o de outro.

Quando participamos de um grupo podemos ir crescendo até virar uma equipe. Uma equipe não é todo mundo fazendo tudo. Uma boa equipe conta com *talentos individuais* contribuindo para um bom *resultado coletivo*. Ou seja, para um projeto ir em frente é necessário encontrar o melhor equilíbrio entre as contribuições individuais e o trabalho como um todo.



O BRASIL PRECISA DE GENTE QUE BOTE A BOCA NO TROMBONE

O Brasil tem uma tradição de ser “um país de doutores”. Vamos recordar um trecho de um samba de

Paulinho da Viola:



tinha eu 14 anos de idade

quando o meu pai me chamou

perguntou-me se eu queria

estudar filosofia

medicina ou engenharia

tinha eu que ser doutor

mas a minha aspiração

era ter um violão

para me tornar sambista

ele então me aconselhou

“ - sambista não tem valor

nesta terra de doutor” (...)

Essa tradição de “terra de doutor” acaba conferindo

aos doutores “o direito à palavra”. Tudo bem os doutores terem direito à palavra, mas esse direito deve ser de todos! Todas as pessoas têm direito a opinar e, mais ainda, direito a serem ouvidas. Depois, já sabemos que *não é o título que confere competência a uma pessoa*. O título ajuda, mas sozinho não resolve.

Por ser um país de *doutores, coronéis, chefes*, acabamos aceitando a cultura do *cala a boca!* Quem já não ouviu um: *cala a boca, quem manda aqui sou eu! Você não sabe com quem está falando!* Será que manda mesmo? Precisamos transformar essa cultura. Trocar o *cala boca* pela *boca no trombone!*

Uma das formas de fazer isso é resgatarmos e valorizarmos os *saberes populares*, muitas vezes ocultados e desprezados por uma cultura de produtos. Exemplos: as ervas medicinais, a literatura de cordel, as festas regionais, as expressões populares. É importante, também, cantar a realidade das periferias, cantar a própria vida, denunciar, como fazem as letras de RAP, entre tantas outras manifestações!

Também é importante resgatar e valorizar os *fazeres populares*, isto é, as soluções originais encontradas por grupos ou comunidades específicas. Sempre precisamos

lembrar que *há muitas soluções* para um mesmo problema.
Não existe, a priori, uma *única* ou a *melhor* solução.

Aqui, cabem com perfeição, versos do poeta espanhol
Antonio Machado:

*caminhante não há caminho
se faz caminho ao andar*

Interpretando: não existem soluções prontas. A gente
vai resolvendo os problemas à medida que eles aparecem,
à medida que os vamos percebendo e, quanto mais a gente
acreditar na gente mesmo, melhor eles serão resolvidos.

Debatam o filme O jarro (* disponível em vídeo)

Esse filme iraniano, de 90 minutos, mostra uma comunidade que se depara com um problema que afeta profundamente as crianças da escola. O professor sozinho não pode resolver, então entram em cena a criatividade e o empenho principalmente das crianças e das mulheres da aldeia. O filme também trabalha com as dificuldades vividas pelas lideranças em uma comunidade.

MULHERES, NEGROS, HOMOSSEXUAIS, INDÍGENAS, CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Nas últimas décadas, mulheres, negros, homossexuais, indígenas, crianças e adolescentes - que comumente não tinham direito a falar e, portanto, a intervir nos rumos sociais e políticos do país - vêm botando a boca no trombone e reivindicando seus direitos.

O movimento feminista conseguiu direito ao voto feminino, à assistência integral à saúde; a cotas de representatividade política.

O movimento negro conseguiu leis que punem a discriminação racial; conseguiu mostrar que o Brasil tem sido um país racista; e hoje o movimento luta por políticas públicas que favoreçam a população afrodescendente.

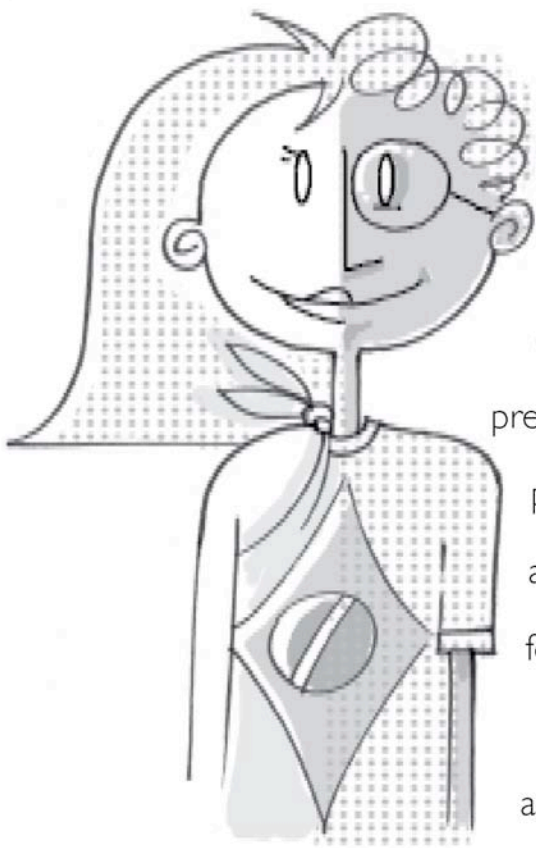
Os homossexuais (gays e lésbicas) estão na luta contra as violências físicas e psicológicas cometidas contra eles e elas e lutam para que o Congresso Nacional aprove o projeto de *Parceria Civil Registrada*.

Os povos indígenas seguem exigindo a demarcação de suas terras, o respeito às suas tradições e que as escolas para as crianças sejam bilíngües.

E há também os que lutam, de sol a lua, para que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) seja aplicado de fato no país. Há os que lutam pela qualidade de vida das pessoas portadoras de necessidades especiais.

Em suma: o Brasil está mudando de cara!

UMA CARA QUE SEJA A CARA DE TODOS E TODAS NÓS



Mudar a mentalidade de um país não se faz da noite para o dia, se faz com um trabalho de todos os dias. Mas não são só os políticos e aqueles que detêm formas de poder que precisam mudar. Nós também precisamos mudar! Precisamos nos despir dos preconceitos, abrir a boca e os ouvidos e acreditar que o diálogo e a negociação são formas eficazes de resolver os conflitos.

Temos que, antes de mais nada, admitir a diferença entre pessoas, grupos, segmentos e ao mesmo tempo criar formas de fazer das

diferenças uma riqueza. Não é uma tarefa fácil, incluir e dialogar custa trabalho. Mas vale a pena! Um Brasil que tenha a cara de todos e todas nós será um país que respeita as diferenças.

Diferenças não são desigualdades. Já existe uma frase famosa para homens e mulheres: *diferentes, mas não desiguais!* Por outro lado, para acabar com as desigualdades, precisamos tratar de forma especial quem foi deixado para trás. Por exemplo, a população negra brasileira teve sistematicamente menos oportunidades do que a população branca. Ora, para que negros, mulheres, indígenas possam disputar em pé de igualdade as oportunidades de educação, trabalho e renda é necessário que o Estado e a sociedade civil criem políticas afirmativas. Ou seja, que tenham programas e políticas públicas voltadas para a promoção dessas pessoas.

Vamos imaginar: não é justo colocar um fusquinha ao lado de um carro de Fórmula 1 e esperar para ver o resultado. Quem você acha que irá ganhar? Então a corrida só será justa quando os carros forem iguais, ou seja, quando os dois tiverem condições iguais de disputar uma oportunidade.

COMO FAZER



Podemos começar de forma simples. Tentado incluir quem está ao nosso lado. Por exemplo, em uma reunião, criar dinâmicas de participação: cuidar para que todos os participantes falem; frear qualquer tentativa de autoritarismo nossa e dos outros; não tentar ser “o dono da verdade”. E exercitar a arte da argumentação, ou seja, sempre privilegiar a exposição clara e didática das idéias. Pela força, a gente não convence, intimida. Argumentando, a gente ganha parceiros e o respeito dos que discordam.

Outra dinâmica importante é a do equilíbrio. Muitas vezes, as pessoas concordam com a nossa proposta, mas não com a totalidade dela. Então é preciso *compor*, isto é, modificar nossa proposta inicial para que caibam outras idéias. O mais importante é tentar manter o grupo unido e nunca perder o objetivo comum. Nos juntar para enfrentar as adversidades externas, ao invés de criar inimizades internas.

Também tem a questão do ritmo de cada um. Tem pessoas que apreendem de forma mais lenta do que outras. Não há nada de errado nisso. Nós precisamos

garantir que todos cresçam. É como uma escola de samba dividida em alas. Cada ala tem o seu papel, o seu ritmo, a sua evolução. No entanto, uma escola só será campeã se houver harmonia entre as alas. Ou seja, ganha quem apresentar o melhor conjunto.

Experimentem a Dinâmica Salve-se com um abraço

É necessário espaço para correr. Um “pegador” ou “pegadora” sai perseguindo os participantes do grupo. A única forma de não ser pego é abraçar uma outra pessoa. Não podendo permanecer assim por mais de 3 segundos, ou seja, tem que abraçar e correr. Os que forem pegos, ficam numa área excluída, mas podem participar dando idéias para os que ainda estão no jogo.

Experimentem a Dinâmica Caça e caçador

O espaço é dividido em três áreas distantes entre si, identificadas com os nomes de três ou quatro grupos, por exemplo: negros, índios, crianças e adolescentes. Uma quarta (ou quinta) área é identificada como prisão. Todos os participantes são divididos igualmente para cada um dos grupos e identificados por uma cor. Exemplos: negros = verde; índios = preto; crianças e adolescentes = vermelho. Escolhe-se um caçador ou caçadora, que chamará os grupos alternadamente. Exemplos: negros e índios. Estes devem trocar de lugar. Nesta troca, o caçador ou caçadora pode pegar os membros dos grupos quando fora de seus espaços. Quem for pego é levado para a prisão. Discutir os vários detalhes e ações da dinâmica: quem nos caça quando trocamos de lugar, por que uma prisão comum para todos os grupos etc.

PENSAR ESTRATÉGIAS É UM BOM COMEÇO

Podemos definir estratégia da seguinte maneira: são os recursos que possuímos e os caminhos que temos que trilhar para alcançar um determinado objetivo. Na verdade, no dia-a-dia, lançamos mão de várias estratégias. Por exemplo, *colocar água no feijão* - quando repentinamente aumenta o número de interessados em comer. Ou quando usamos músicas ou jogos para fazer uma divulgação.

Em muitos momentos das nossas vidas, usamos estratégias. Quando queremos dizer algo difícil para uma pessoa que amamos, a gente matuta como vai dizer, que palavras vai usar. Isso é estratégia! Quando definimos a pauta de uma reunião e decidimos que um assunto deve ser discutido antes ou depois dos outros, estamos usando uma estratégia. Poderíamos então dizer: *penso, logo crio estratégias*.



Experimentem a Dinâmica do Avião

Dividir a área ao meio. O grupo é dividido em dois times que ocupam cada um dos lados. Cada time escolhe um comandante e uma parte dos participantes será “avião” e uma outra será “mina explosiva”. Os “aviões”, com uma venda nos olhos, devem atravessar todo o campo minado por entre suas minas e pelas minas do time adversário. Se encostarem em uma mina, explodem os dois (avião e mina), que saem do jogo. Quem terminar com mais aviões ganha o jogo. Cada time tem que bolar estratégias, porque o comandante vai distribuir as minas por seu campo nas posições que quiser, mas que deverão ficar imóveis durante todo tempo. O comandante terá que conduzir os seus “aviões”, que estão vendados, sem pegar neles ou falar - só com emissão de sons com as mãos, boca ou pé. Todo grupo deve bolar estratégias e ensaiar o funcionamento da travessia. Depois, discutir como se sentiram os comandantes, os “aviões” e as “minas” e quem ocupa esses papéis na sociedade. Também discutir a importância de ter objetivos claros e de construir estratégias.

A IMPORTÂNCIA DE PASSAR PARA FRENTE O QUE JÁ SABEMOS

Um dos segredos de sucesso para nossos trabalhos e projetos é multiplicar o que sabemos. Ao fazermos isso, podemos encurtar o caminho de quem está começando. Podemos fazer com que erros cometidos no passado não sejam repetidos no presente. Quando vamos contar nossas experiências, devemos valorizar também aquelas que não deram certo. Nem pessoas nem grupos têm uma história apenas de sucessos. Muitas vezes, ao contar uma experiência que deu errado, jogamos luzes nos caminhos daqueles que vêm depois.

E, claro, devemos insistir no relato das experiências



bem-sucedidas. Dizer quais as estratégias utilizadas; as resoluções de conflitos; as idéias criativas que apareceram. Ou seja, seria bom criarmos um *Banco de Êxitos**. Esse *Banco* teria o registro de experiências bem-sucedidas, dos materiais produzidos, do número e perfil de pessoas sensibilizadas pelos nossos trabalhos. É muito importante não deixar que as coisas boas se percam no poço fundo da memória.

E por fim, se as pessoas que estão ao nosso lado podem ser boas professoras, elas também podem ser igualmente bons aprendizes.

* A expressão Banco de Êxitos foi cunhada pelo educador Tião Rocha. Ele também propôs várias dinâmicas relatadas nessa publicação.

Aprender o que ainda não sabemos

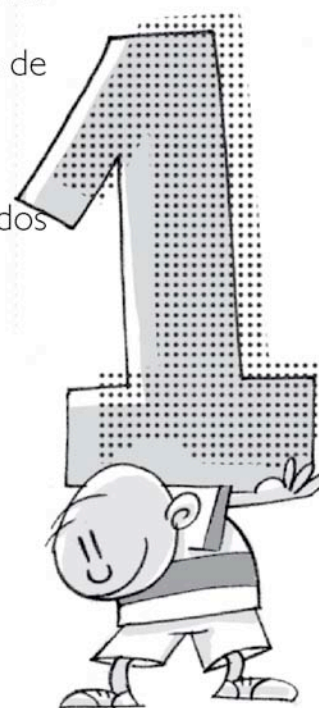
A RESPOSTA

MORA AO LADO

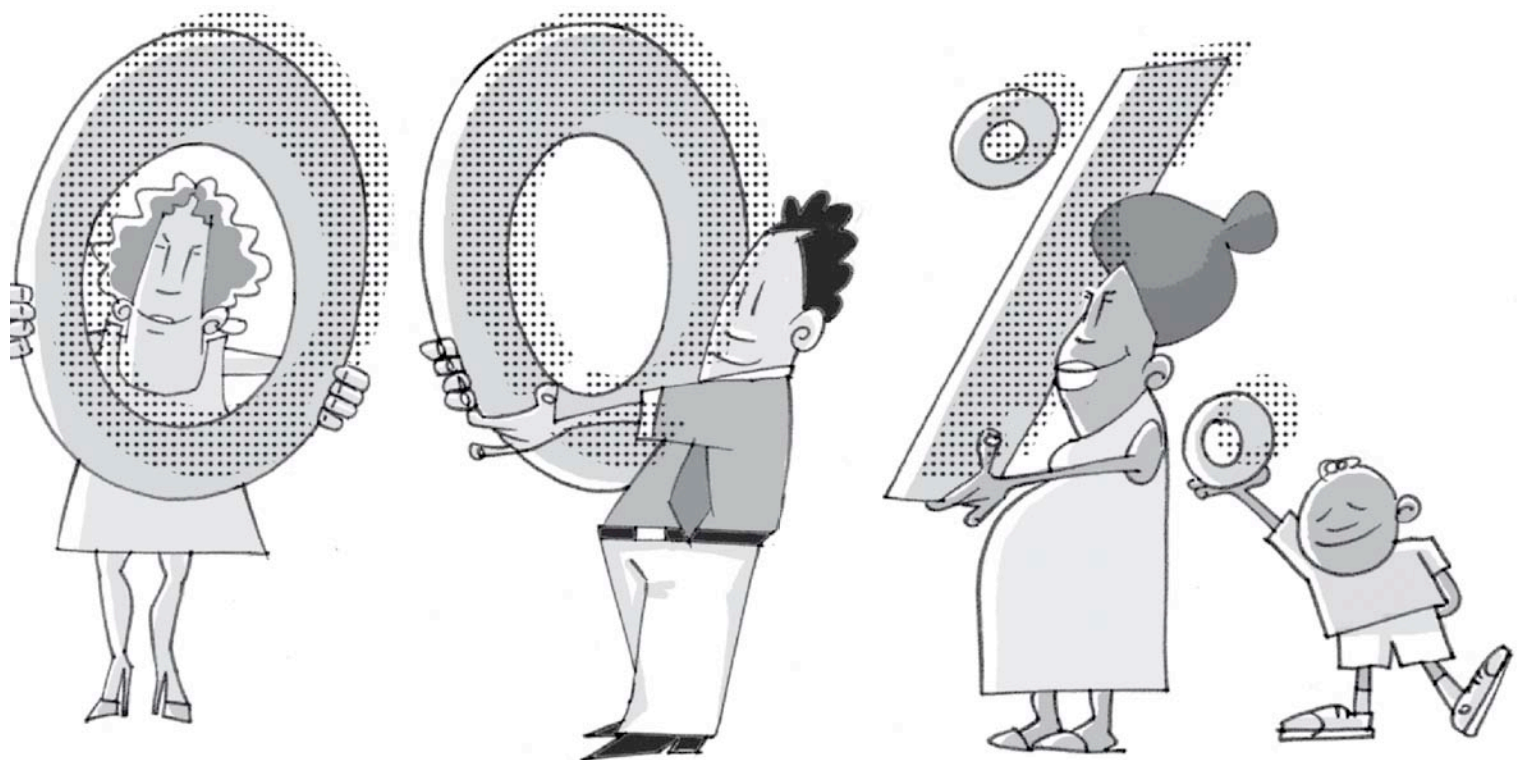
Existe um provérbio chinês que pondera: “*saber e não fazer é ainda não saber*”. É evidente que sabemos muitas coisas, mas também é evidente que podemos aprender novas lições todos os dias.

Podemos olhar para os lados e descobrir quem são nossos parceiros potenciais. Quais as pessoas, organizações, grupos que podem trabalhar em conjunto objetivando ações que concretizem os direitos à educação, à saúde, ao trabalho. Quando falamos de educação, saúde e trabalho, estamos falando em uma vida digna, uma vida que se mantenha em pé e que ande pelos caminhos de nossa escolha.

Muitas vezes temos o hábito de olhar para além dos



muros da vizinhança, esquecendo que a vizinhança pode estar cheia de talentos e potencialidades. Por conta desse hábito de sempre olhar por cima do muro, perdemos muitas oportunidades. É talvez a gente perca a maior de todas as oportunidades: transformar a vizinhança em uma comunidade.



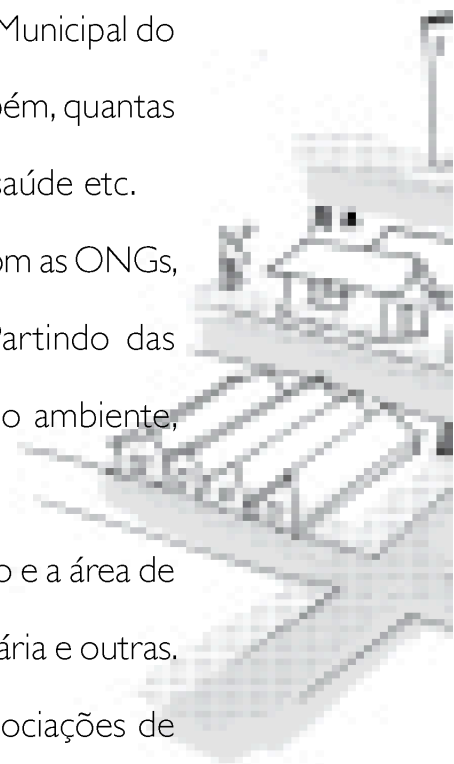
FAÇA UM MAPA DO QUE EXISTE NA LOCALIDADE

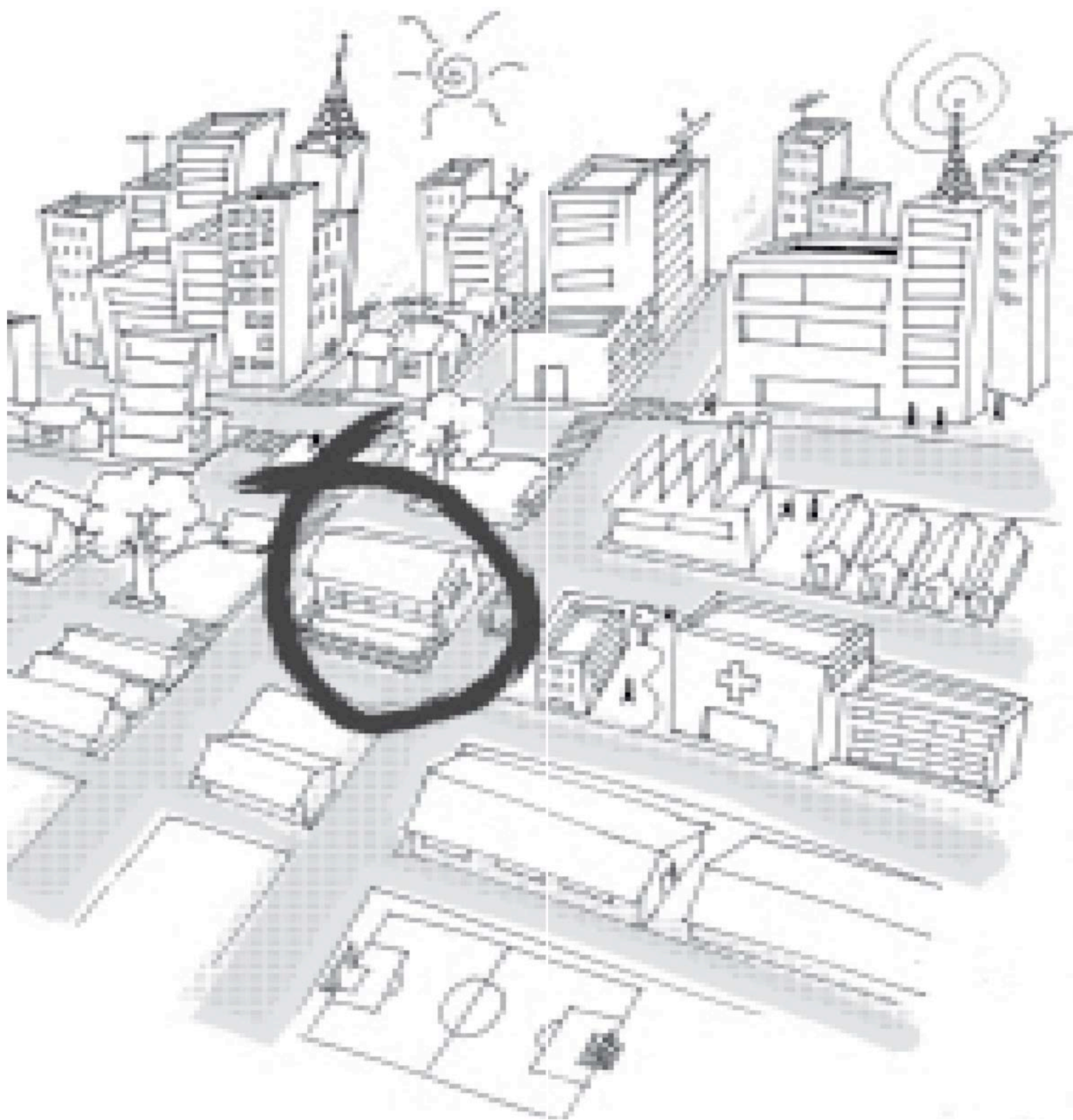
Primeiro, podemos fazer uma grande divisão: organizações governamentais (OGs) e não governamentais (ONGs).

Dentro das governamentais, podemos fazer uma subdivisão: federais, estaduais, municipais. A partir daí, é descobrir a função de cada uma delas. Por exemplo, verificar se na sua localidade há um Conselho Municipal do Idoso, se há uma Delegacia da Mulher. E também, quantas escolas, quantas creches, quantos postos de saúde etc.

Podemos usar o mesmo procedimento com as ONGs, descobrir qual a finalidade de cada uma. Partindo das finalidades, criamos subdivisões: crianças, meio ambiente, indígenas, educação.

Também é importante mapear o trabalho e a área de ação das Pastorais da Terra, da Criança, Carcerária e outras. O mesmo procedimento para sindicatos, associações de bairro, centros de defesa de direitos, grupos de jovens, grupos de *rappers*, grupos de mulheres, associações comunitárias.





E não deixar de lado os Conselhos - que são paritários, isto é, formados pelo Estado e pela sociedade civil - Tutelar, dos Direitos da Criança e do Adolescente, do Idoso, das Mulheres, do Negro, do Índio, de Saúde, entre outros.

Por fim, podemos organizar um cadastro de todas as organizações que podem ser nossas parceiras, com endereços, pessoas de contato, telefones, e-mails (quando houver) atualizados.

PROCURANDO PARCERIAS



Todas as organizações que têm um fim político-social-cultural, em princípio, se interessam pelos Direitos Humanos. Por exemplo, as escolas e os grupos de jovens podem ser espaços privilegiados para fóruns, campanhas, oficinas que objetivem difundir e aprofundar uma cultura de Direitos Humanos. Esses espaços também oferecem um grande capital humano, isto é, pessoas entusiasmadas e afeitas a transformar velhas ordens, velhos estados de coisas.

Não há dúvida que a criação e consolidação de uma cultura de Direitos Humanos no Brasil precisa e precisará de pessoas abertas, flexíveis. Pessoas capazes de propor novos olhares, novas leituras. Pessoas que não desistem facilmente.

Vale a pena lembrar o exemplo de Nelson Mandela! Um sujeito que passou 28 anos encarcerado por não abrir mão dos Direitos Humanos na África do Sul. Não que a gente seja o Nelson Mandela ou que estejamos preparados para passar um dia que seja na prisão. Mas é um exemplo inspirador de persistência!

Podemos também usar a imaginação e procurar parcerias em espaços não convencionais. Isso já aconteceu, por exemplo, quando o espaço de um bar em uma favela abrigou uma biblioteca comunitária. Ou moradores de um quarteirão que cederam seus muros para a garotada grafitar.

Dizem que a alma brasileira é muito criativa. Se isso for verdade, vamos usar essa criatividade a nosso favor, ou seja, a favor da construção da cidadania e da democracia participativa.

Por exemplo, a escola pública é uma organização governamental, mas quando ela abre suas portas, no

sábado e no domingo, para uma atividade da comunidade, ela passa a ser uma organização mista, ela se torna um espaço mais abrangente, se abre para mais possibilidades de intervenção comunitária. E de quebra, as pessoas da comunidade passam a ter o sentimento de pertencimento, passam a reconhecer o equipamento social como verdadeiramente seu.

PARCERIAS ESTRATÉGICAS

Conseguir organizações parceiras dependerá, em grande parte, da nossa capacidade de compor e de negociar. Pode acontecer de uma organização se interessar em trabalhar com direitos das mulheres e não com direitos indígenas e vice-versa. Por essa razão, é super importante a gente saber qual o foco de ação dos parceiros e parcerias potenciais. Assim, podemos difundir o nosso trabalho de Direitos Humanos usando diferentes abordagens.

O importante é compreendermos que não estamos necessariamente sozinhos na luta. Muitas vezes, a questão é saber se aproximar, conversar e encontrar formas de unir esforços e habilidades.

ADVOCACY DOS DIREITOS HUMANOS

A palavra advocacy é parente da palavra advocatório - que significa *estar investido de poder para defender*. Trocando em miúdos, o advocacy é um lobby em favor de interesses sociais e de cidadania. O advocacy é um conjunto de ações e estratégias que visam influenciar decisões do poder público, particularmente no legislativo.

Para fazer advocacy, o primeiro passo é tomar conhecimento de quais projetos de lei - referentes aos Direitos Humanos - estão tramitando nas câmaras municipais e federal e assembleias estaduais. O segundo e grande passo é fazer chegar aos políticos abaixo-assinados, cartas de apoio ou de repúdio.

O advocacy é interessante também como uma forma de nós, cidadãos e cidadãs, acompanharmos o que nossos representantes estão fazendo em favor das causas que nos interessam.

No Brasil, o advocacy está ganhando cada vez mais adeptos. Já existem ONGs cujo trabalho principal

é monitorar o andamento das leis, divulgar e se posicionar contra ou a favor dessas leis. Essa é uma das formas concretas de democracia participativa.

TORNAR
PÚBLICO O
QUE ESTAMOS
FAZENDO



Tem um ditado que diz: “*não basta ser competente, tem que aparecer*”. Nos dias que correm, o trabalho de divulgação tornou-se uma das preocupações principais de governos, partidos políticos, empresas e organizações sociais. Claro que um trabalho profissional de divulgação exige recursos para pagar profissionais e comprar espaços nos veículos. Não é o nosso caso.

No nosso caso, temos que usar a imaginação e tentar descobrir como divulgar o trabalho desembolsando pouco. Um exemplo são as rádios e TVs comunitárias, sem fins

comerciais, abertas a assuntos de interesse da comunidade. Também vale a pena tentar um contato com o jornal da sua cidade, bairro etc. Podemos também pensar em uma divulgação mais setORIZADA, que utilize boletins de sindicatos, murais de escola, entre outros meios.

O fundamental é descobrir brechas para divulgar os trabalhos. Os veículos são variados: podem ser boletins impressos, eletrônicos, fanzines, cartazes. Podem ser apresentações de teatro, jogral, música.

A comunicação é uma estratégia política!

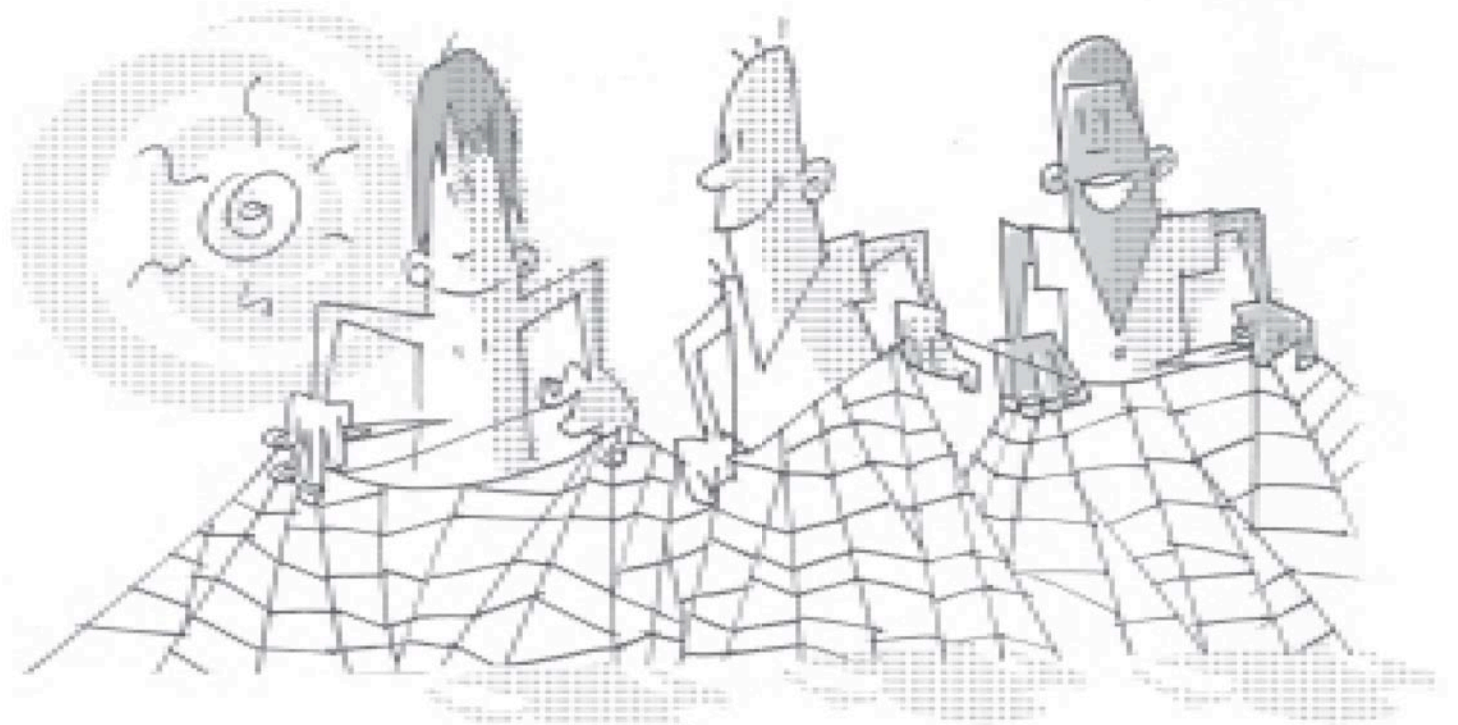
A GRANDE IDÉIA DA REDE

Nessa altura do texto, já deu para sentir que o importante é trabalhar com a idéia da rede. Não é de forma alguma uma idéia nova. Na verdade, trata-se de uma boa e velha idéia: *a união faz a força!*

A própria palavra Rede é muito interessante, pois pressupõe fios que se cruzam, que se entrelaçam. Vamos lembrar da rede do pescador, que suporta quilos e quilos

de peixes. Vamos lembrar da rede dos indígenas, que sustenta um corpo e, nas noites amorosas, dois corpos e pode embalar de um lugar a outro. Vamos lembrar das mulheres que tecem maravilhosas tramas que adornam e são úteis. Vamos recordar das redes de solidariedade, das redes de sobrevivência. E, por fim, vamos lembrar da rede do trapezista, que sempre está lá para amortecer uma queda. E quando o trapezista sabe que a rede está lá embaixo, ele faz incríveis malabarismos lá em cima.

Trabalhando em rede, podemos dividir as atribuições, buscar e dar apoio, manter contato e muitas outras vantagens. A rede também nos protege. Em uma situação em que os Direitos Humanos forem desrespeitados, podemos acionar a rede em busca de soluções.



Essa rede pode ser informal, não hierárquica e ter vários associados: organizações governamentais, organizações não governamentais, sindicatos, grupos de jovens etc. Ela não é mais uma ONG ou um grupo. Ela é a interação entre ONGs, grupos, idéias e propostas. Seu espaço não é físico, é virtual!

Outra característica da rede é que ela possibilita olhares diferentes para uma mesma questão. A rede amplia nossa percepção e aprofunda nosso entendimento.

Vamos recordar a história de que *uma andorinha só não faz verão*. Mas uma rede de andorinhas tem tudo para fazer o sol do verão brilhar para muitos.

Experimentem a Dinâmica da Bola de lã

Material: uma bola de lã, folhas grandes de papel e canetas coloridas.

Os participantes ficam em círculo. O primeiro começa falando o que tem para oferecer para o grupo ou como quer participar da rede, daí segura o fio de lã e joga a bola para um outro, deixando o fio preso. Assim acontece até o último participante, prosseguindo da mesma forma até o último, e formando uma rede. Observem a imagem formada: uma estrela? uma rede? Após comentários, colocar os fios, bastante esticados, sobre as folhas brancas.

Distribuir as canetas coloridas, para que cada um ocupe o seu espaço, colorindo e escrevendo.

Um Brasil melhor é o nosso porto



○ LONGE

É AQUI

Hoje vivemos sob a etiqueta da globalização, sob o trânsito mundial de mercadorias e informações. A globalização tem aspectos bastante negativos: os mercados mais fortes engolindo os mais fracos; a exigência de que todos sigam a mesma cartilha política-econômica-cultural etc.

Mas há aspectos também positivos na globalização: a quantidade e facilidade com que as informações e descobertas circulam; a percepção de que o mundo é um só e de que nenhum país pode viver sem os outros etc.

Ou seja, vivemos tempos contraditórios e desafiantes.

Dentro da grande malha de países, mercados e culturas, nós precisamos também fortalecer a esfera local na qual vivemos, mas nunca esquecendo da esfera global. Pois local e global estão entrelaçados!

Indo além, precisamos ter atitudes de intervenção e participação no nosso mundo, nosso país, nosso estado, nossa cidade, nossa comunidade, nossa rua, nossa casa e em nós mesmos. Ou fazendo um caminho mais

lógico: precisamos mudar atitudes dentro de nós, na nossa casa, na nossa rua, na nossa comunidade, na nossa cidade, no nosso estado, no nosso país, no nosso mundo.

A PALAVRA DE ORDEM É PARTICIPAR

Para um mundo cada vez mais veloz e mutante, a resposta é a participação. Essa participação pode ocorrer de várias maneiras - as tradicionais e as não tradicionais. Ela pode se dar dentro de um partido político ou dentro de uma ONG, dentro do governo ou dentro de um grupo de jovens, dentro de uma pastoral ou dentro de um jornal, dentro de uma escola ou dentro do trabalho. Em suma, dentro de qualquer espaço.

Ao participar, estamos fortalecendo uma ação maior, que é a democracia. Estamos avançando da democracia representativa, isto é, só pelo voto, para uma democracia participativa - na qual as pessoas possam decidir, em várias instâncias, o que querem e o que não querem para suas vidas.

○ FUTURO

PODE SER

HOJE

Ao lutar pela criação e consolidação de uma cultura de Direitos Humanos, podemos realizar um sonho - que já tem mais de 500 anos - de um Brasil para todos e todas.

Um país que não discrimine por causa da cor da pele, do sexo, da condição social.

Um país que incentive uma prática de oportunidades iguais. E para tanto, o Brasil deve fomentar uma educação de qualidade, uma excelência de serviços públicos e políticas de inclusão para milhões e milhões de pessoas.

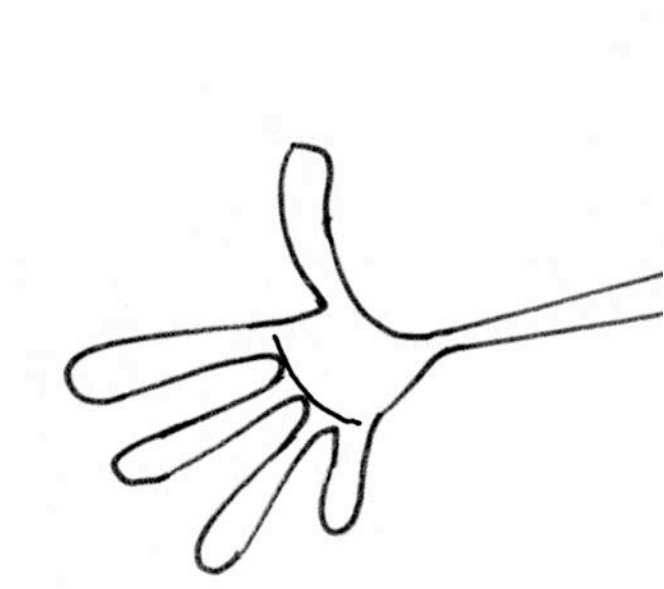
Grande parte dos esforços por um país melhor cabe ao Estado. Mas não só a ele. Cabe também a nós - cidadãos e cidadãs comuns - transformarmos este país. E podemos empreender essa tarefa a partir das nossas ações privadas e públicas, nossos ofícios e do comprometimento com a defesa dos Direitos Humanos.

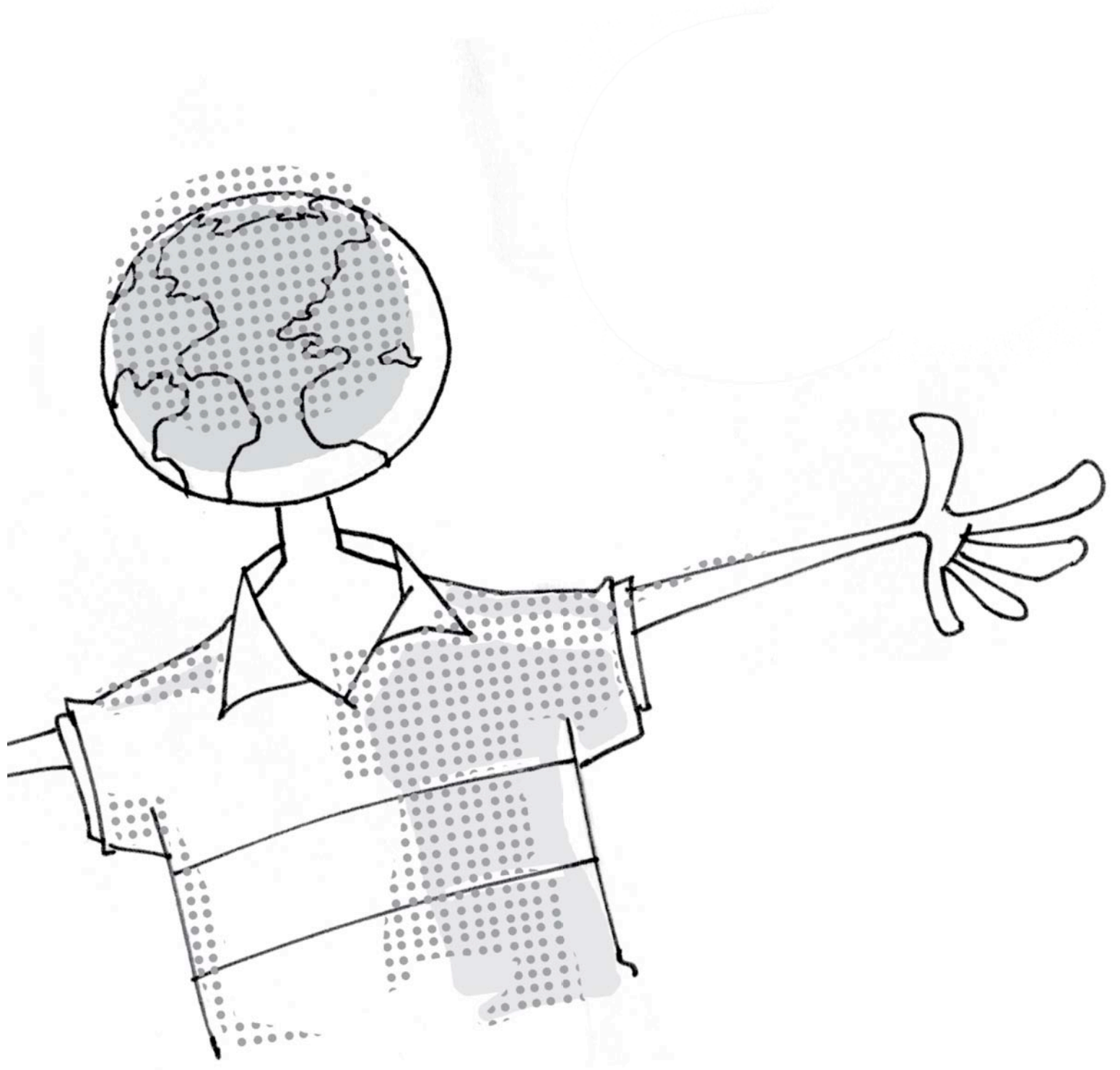
Não importa se moramos em grandes, médios, pequenos municípios. Não importa se moramos em cidades periféricas ou em vilas encravadas nos sertões. O

que importa é que os pulsares individual e coletivo sejam participativos e esperançosos.

Que haja esperança de que nossas ações, individuais e coletivas, transformem os 8.547.403,5 quilômetros quadrados de território brasileiro em uma terra de justiça e eqüidade.

Que o futuro seja agora!





DIRETORIA IBEAC

Maria Lúcia Montoro Jens - Presidente

Luiz Henrique Proença Soares - Vice Presidente

Marcos Giannetti da Fonseca - Diretor Administrativo / Financeiro

Maria Lúcia Carvalho da Silva - Diretora Técnica

*Vera Lion - Coordenadora do Programa
de Formação em Direitos Humanos*

IBEAC

Av. Dr. Arnaldo nº 2083

Sumaré - São Paulo - SP - 01255-000

Tel: 11 3864-3133 Fax: 11 3865-3211

E-mail: ibeacdh@uol.com.br ou direitoshumanos@ibeac.org.br

Site: www.ibeac.org.br

PUBLICAÇÃO

Coordenação editorial: Bel Santos e Vera Lion

Texto: Fernanda Pompeu

fpompeu@uol.com.br

Projeto gráfico e diagramação:

Angela Mattos

angela@am3artes.com.br

Ilustração: Evandro Rodrigues

evandro@pratadacasa.com.br

Revisão: Cecilia Marks

ceciliamarks@uol.com.br

IBEAC

Fundado em 1981, o IBEAC – Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário - tem como missão contribuir para a criação e fortalecimento de uma cultura de direitos humanos, uma cidadania ativa e uma democracia participativa e solidária, por meio da organização, formação e participação de setores da sociedade nas realidades locais e regionais.

O IBEAC, por intermédio do *Programa de Formação em Direitos Humanos*, já realizou quase uma centena de cursos e oficinas em todas as regiões brasileiras, com o objetivo de formar lideranças com protagonismos comunitários, sociais e políticos, tendo como perspectiva o enfrentamento das diferentes formas de violência.

DPDH

O Departamento de Promoção dos Direitos Humanos (DPDH) é a unidade da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos responsável pela elaboração, acompanhamento e execução de políticas públicas voltadas para promoção e defesa dos direitos humanos.

Sob sua coordenação encontram-se os seguintes programas do Plano Plurianual do Governo Federal:

*Programa Direitos Humanos -
Direitos de Todos; Programa de Assistência a
Vítimas e Testemunhas Ameaçadas.*

Além disso, por meio da Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, o DPDH coordena algumas ações do *Programa de Atenção à Pessoa Portadora de Deficiência*, tais como os de capacitação, eventos, acessibilidade, bem como o Sistema Nacional de Informações sobre Deficiência.

E-mail: dpdh@mj.gov.br

Na internet: www.mj.gov.br/dpdh.htm

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



**SECRETARIA DE ESTADO
DE DIREITOS HUMANOS**

DPDH
**Departamento de Promoção
dos Direitos Humanos**

